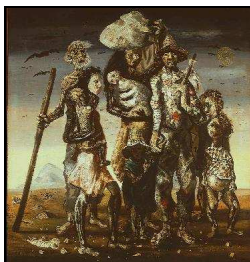




Morte e Vida Severina



Retirantes, Cândido Portinari

— O meu nome é Severino, não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença e que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras

suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam, seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

(Melo Neto, João Cabral de. Obra Completa. Rio de Janeiro. Ed. Nova Aguillar, 1994.)

Vocabulário:

De pia – refere-se à pia batismal, onde se realiza o batismo no texto, significa “de batismo”.

Sesmaria – terra abandonada, sem plantação.



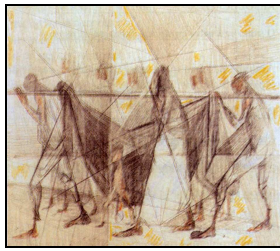
Família de retirantes, Cândido Portinari

Após cruzar o sertão, castigado pela seca, o retirante chega à zona da mata. Aí a terra é mais fértil, a vegetação verde enche-o de esperança. Pensa ter deixado a morte para trás e finalmente ter encontrado a vida. Mas veja o que ele presencia.

Assiste ao enterro de um trabalhador de oito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
— É de bom tamanho,
Nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
— É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
— É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
— É uma cova grande
para tua carne pouca,

mas a terra dada
não se abre a boca.



Enterro na rede, Cândido Portinari

— Viverás, e para sempre,
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
—Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
será homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.
— Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.
— Será de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.
— Será de terra
e tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
— Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.
— Como és homem,
a terra te dará chapéu:
fosses mulher, xale ou véu.
— Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
— Tua roupa melhor
e te ficará bem cingida:
como roupa feita à medida.
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo).
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).
— Desse chão és bem conhecido
(através de parentes e amigos).
— Desse chão é bem conhecido
(vive com tua mulher, teus filhos).
— Desse chão, és bem conhecido
(te espera de recém-nascido).

(Melo Neto, João Cabral de. Obra completa. Rio de Janeiro:
Ed. Nova Aguillar, 1994)

Vocabulário:

Eito- limpeza de uma plantação com uso de enxadas; aqui significa, em geral, trabalho de plantação de roça.

Latifúndio- propriedade rural, característica de países subdesenvolvidos, de monocultura e com terras incultas,

exploradas por um só proprietário, que utiliza mão-de-obra não-especializada, mediante salário muito baixo.

Ancho - amplo, largo; no texto, “estarás mais ancho” significa “terás mais espaço”.

Aforar - _tomar (no caso, uma terra) por aforamento, isto é, cedida por contrato, mediante pagamento anual.

Trabalhar a meias- plantar em terreno alheio, repartindo os resultados com o dono das terras.

Fato – terno, conjunto de calça e paletó.

Chegando a Recife, o retirante descobre que as facilidades da cidade não estão exatamente disponíveis para todos. Aí, imigrantes como ele levam vida subhumana, sacrificada. Ao conversar com um morador de um local miserável da cidade, desesperançado, ele, que vinha em busca da vida, chega a pensar na morte. Mas assiste a um fato promissor: ao nascimento de um menino.



Retirante grávida, Cândido Portinari

Falam os vizinhos, amigos, pessoas que vieram com presentes etc.

— De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,
de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.
— De sua formosura
deixai-me que diga
é uma criança pálida,
é uma criança franzina,
mas tem a marca de homem,
marca de humana oficina.
— Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo
como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.
— Sua formosura
eis aqui descrita:
é uma criança pequena,
enclenque e setemesinha
mas as mãos que criam coisas
nas suas já se advinha.
— Se sua formosura
deixai-me que diga:
é belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.
— De sua formosura
deixai-me que diga:

belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.

— De sua formosura
deixa-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.

— É tão belo como a soca
que o canavial multiplica.
— Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim d o mar sempre adia.
— É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.

— Belo porque tem de novo
a surpresa e a alegria.
— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
— Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
— Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.

— É belo porque com o novo
todo o velho contagia.
— Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
— Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
— Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

O Carpina fala com o retirante que esteve fora, sem tomar parte em nada

— Severino, retirante,
deixe agora que eu lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender, só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida:
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(Melo Neto, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro:
Ed. Nova Aguillar, 1994.)

Vocabulário

Guenzo- franzino, magro.

Enclenque – enfraquecido, doente.

Setemesinha- criança nascida de sete meses.

Avelós – planta florífera de origem africana, cultivada no
Nordeste brasileiro.

Agreste- zona do Nordeste, entre a mata e o sertão,
caracterizada pelo solo pedregoso e pela vegetação escassa
e de pequeno porte.

Palmatória- espécie de cacto.

Caatinga - tipo de vegetação característico do Nordeste
brasileiro, formado por pequenas árvores, comumente
espinhosas, que perdem as folhas no curso da longa estação
seca (entre elas ocorrem numerosas plantas suculentas,
sobretudo cactos).

Soca- a segunda produção de cana, depois de cortada a
primeira.

Trabalho

1- Esta obra exemplifica o uso de dialetos em alguma regiões
do país. Dê o conceito de dialeto e retire do texto exemplos
dessa linguagem.

2- Severino é o nome da personagem principal da obra. No
entanto o poeta usa a palavra “Severina” para caracterizar a
morte e a vida dos emigrantes nordestinos, por quê?

3- Explique as seguintes expressões do texto, no contexto em
que estão inseridas:

- “não tenho outro de pia”:

- “serra magra e ossuda”:

- “o sangue que usamos tem pouca tinta”:

- “é a parte que te cabe deste latifúndio”:

- “máquina de homem”:

4- Dê o plural dos seguintes substantivos:

explosão –

oásis –

palmatória –

recém-nascido –

chapéu –

véu –

cidadão –

mão de obra –

revés –

guarda-roupa –

5- Explique o uso do verbo “haver” no seguinte verso do texto:
“Como há muitos severinos”. (Obs.: Consulte a gramática:
verbos impessoais).